

O traço para uma identificação

The trace for an identification

Amanda Brasil de Araújo

Breno Ferreira Pena

Roseane Freitas Nicolau

Resumo

A proposta deste artigo é trabalhar o conceito do traço unário, desenvolvido por Lacan no Seminário, Livro 9: A identificação. Para isso, realizamos um percurso similar ao que Lacan propõe: retomamos a noção de identificação desenvolvida por Freud em 1921/2011. Em seguida, embarcamos no Expresso das 10h15, em direção aos traços deixados na ilha de Robson Crusoé. A partir desses rastros, a lógica matemática entrará em cena, compondo novos sentidos para a constituição do traço unário e, com isso, ampliando nossa discussão.

Palavras-chave: identificação, traço único, traço unário, significante, sujeito.

Abstract

The purpose of this article is to explore the concept of the unary trait, developed by Lacan in Seminar, Book 9: Identification. To do so, we follow a path similar to the one Lacan proposes: we revisit Freud's notion of identification developed in 1921/2011. Then, we board the 10h15 Express, toward the traces left on Robinson Crusoe's island. From these tracks, mathematical logic comes into play, creating new meanings for the constitution of the unary trait and thus expanding our discussion.

Keywords: identification, single trait, unary trait, signifier, subject.

No Seminário 9 - A identificação, Lacan (1961-1962/2003) ressalta que irá trabalhar o conceito de identificação por uma perspectiva um pouco distinta da realizada por Freud (1921/2011) em *Psicologia das massas e análise do eu*, e se questiona o que seria exatamente constituir uma identidade. Para responder à questão, ele parte de uma pergunta: o que de mais singular haveria nesta operação que resultaria em uma primeira diferenciação entre o sujeito e o Outro? O próprio autor nos responde - o traço unário.

Lacan (1961-1962/2003) destaca assim a importância deste traço e nós propomos, neste artigo, acompanhar a construção teórica desenvolvida por ele até o momento em que define o traço

únário e seus três tempos de constituição. Para isso, recorremos ao conceito de identificação realizado por Freud em 1921 e, em seguida, passamos a dois textos: *Pulsão e destinos da pulsão* (Freud, 1915/2004) e *A negação* (Freud, 1925/2011). Apesar de encontrarmos uma temporalidade distinta entre estes textos, notamos que se conectam quando olhamos pela ótica da constituição do sujeito.

Após o retorno aos textos freudianos, aprofundaremos a leitura do "Seminário 9 – A identificação", trabalhando especificamente como Lacan (1961-1962/2003) inicia sua linha de raciocínio para responder à questão apresentada no início deste trabalho. Seguindo os rastros do referido Seminário, comentaremos sobre o que



caracterizaria o nascimento de um significante e a diferença que há deste para um signo. Aparados nestas distinções, passaremos às noções de identificação imaginária e simbólica. Após este trajeto, atingiremos nosso objetivo inicial: o de abordar a constituição do traço unário. Por mais que este conceito esteja presente no decorrer do artigo, será com Robson Crusoé e o quadrante de Pierce que teremos como comentar de forma mais precisa sobre sua instauração.

A identificação para Freud

Freud (1921/2011) inicia o Capítulo VII de “Psicologia das massas e análise do eu” afirmando que, para a psicanálise, a identificação seria considerada a demonstração mais original e antiga de uma ligação afetiva entre as pessoas. Para comentar sobre os processos identificatórios, Freud afirma que podem existir três tipos de identificação: a) ao pai; b) a um traço da pessoa-objeto; c) ao sintoma.

Sobre o primeiro tipo, o menino tomaria o pai como um ideal, desejando ser como ele e, portanto, identificando-se com este modelo. Logo, encontrariamos uma operação em que o Eu se assemelharia ao próprio modelo, ou seja, o pai. No segundo modo, destaca que se trataria de uma identificação parcial e limitada, na qual teríamos uma identificação a um traço da pessoa-objeto. No último modo, Freud (1921/2011) narra o caso das jovens do pensionato, que, ao verem a amiga chorar após receber uma carta “secreta”, apresentam o mesmo sintoma, pois nesse caso a identificação seria em querer ou poder estar na mesma situação da jovem; todas gostariam de ter um amor secreto.

O ponto que nos interessa nesta discussão é o que Freud (1921/2011) define como identificação parcial e limitada, na qual haveria um único traço que o sujeito tomaria para si. Ainda, neste texto, o autor concede a este traço o nome de traço único - *einzigsten Zug* -,

que se apresentaria como um elemento na operação de identificação. A partir do que foi discorrido, nos questionamos: em qual momento desta operação algo se apresentaria para o sujeito, constituindo-se como um elemento capaz de lhe conferir uma identidade?

Procuramos a resposta à questão especialmente nos textos *Pulsão e destinos da pulsão* (Freud, 1915/2004) e *A Negação* (Freud, 1925/2011). Por mais que exista uma diferença de dez anos entre estes textos, é possível realizar uma construção lógica que nos ajudará a responder à referida pergunta. No texto sobre a pulsão, recolhemos os efeitos que a atividade pulsional pode apresentar em um sujeito que ainda está se constituindo, a partir de sua relação com outro mais experiente – *Nebenmensch*.

O nascimento dos seres falantes os torna habitantes de um campo de linguagem que já está lá antes que uma criança se articule aos primeiros significantes que lhes são transmitidos. É o campo da linguagem que contorna sua existência. Dito isto, podemos pensar nos efeitos que o circuito pulsional apresentaria na articulação da criança com a linguagem, ou seja, a partir de cada experiência de desprazer e satisfação, marcas seriam registradas em seu corpo e aparelho psíquico.

Para Catão (2009), o aparelho psíquico funcionaria como um articulador entre o sistema de percepção e o de linguagem, isto é, teríamos no psiquismo uma articulação entre uma imagem percebida, uma voz escutada, um toque sentido e uma palavra que recobriu cada gesto desse. Segundo a autora, trata-se, em Freud, “de uma memória de traços (*Spur*) de uma impressão (*Eindruck*), concebida como momento primário da elaboração mnêmica, anterior ao traço, à inscrição e posterior à sensação” (Catão, 2009, p.54). Sendo assim, teríamos inicialmente uma experiência vivenciada

pelo bebê – sensação – um traço dessa experiência, e, em seguida, sua inscrição no psiquismo.

Seguindo os rastros da passagem de uma sensação à sua inscrição como traço no psiquismo, encontramos no texto “A Negação” (Freud, 1925/2011), a definição de dois conceitos que servem de base a esta discussão: o juízo de atribuição e o de existência. A função destes dois juízos corresponderia especificamente em realizar duas decisões: deve-se aceitar ou recusar algo que terá como característica um atributo bom ou ruim e reconhecer ou contestar a existência de determinada representação na realidade. Neste sentido, sobre aquilo considerado como bom, Freud (1925/2011, p. 278) destaca: “[...] quero pôr isso dentro de mim” e seu contrário, “[...] retirar de mim”. Com esse exemplo, entendemos que a lógica do juízo de atribuição consistiria em aquilo que for bom será afirmado (*Bejahung*) e introjetado pelo sujeito. Seu contrário, será expulso – *Ausstossung*.

Posteriormente ao primeiro juízo, encontramos o juízo de existência, que corresponderia a uma tomada de decisão sobre a existência real de uma representação, ou seja, a questão que se trata nesse momento consistiria em saber se algo encontrado no Eu enquanto representação, pode ser reencontrado na realidade sobre a forma de uma percepção. Freud (1925/2011) é muito claro ao ressaltar que uma experiência não pode se manter apenas presa a atribuição de uma qualidade, se boa ou ruim. É fundamental que ela possa ser encontrada na realidade externa, “de modo que seja possível apossar-se dela em caso de necessidade” (1925/2011, p. 279). Todavia, o objetivo do juízo de existência não consistiria apenas em encontrar no mundo externo um objeto imaginado, mas sim *reencontrá-lo*. Logo, esta afirmação permite-nos inferir que, nesse momento, o ponto crucial corresponde ao reencontro de

algo perdido, ou seja, a busca por algo que um dia proporcionou ao sujeito uma satisfação real.

Nesta perspectiva, retomamos à nossa questão inicial: em qual momento algo se constituiria como um elemento capaz de lhe oferecer uma identidade? Tivemos como observar na construção feita até agora que, a partir das voltas que a pulsão realiza no corpo de um sujeito, simultaneamente significantes lhe são atribuídos, traços da somatória dessas experiências são afirmados e expulsos, marcando um corpo que antes era fragmentado em uma unidade que pode começar a ser chamada de sujeito.

Lacan (1961-1962/2003), interessado em saber como se daria a constituição de um sujeito desejante, retoma, na obra freudiana, os conceitos que debatemos até agora, juízo de atribuição e de existência, assim como se questiona como as marcas registradas no corpo de um sujeito pela pulsão poderiam influenciar na operação de identificação de um indivíduo, momento em que ele pode afirmar “eu sou isso, não aquilo”. Para acompanharmos essa passagem, sigamos com Lacan.

Identificação ao traço

Lacan (1961-1962/2003) inicia o Seminário 9 - A identificação contextualizando seu público sobre a dinâmica que permeia a escolha dos temas que irá ensinar. Segundo sua explicação, a cada dois anos haveria uma alternância entre a temática do sujeito e a do significante. Porém, será que quando falamos de um já não estaríamos implicitamente também abordando o outro? Lacan (1961-1962/2003) nos responde a partir deste Seminário, quando afirma que para trabalhar o conceito de identificação teríamos que falar propriamente da relação do sujeito com o significante.

Neste contexto, Lacan (1961-1962/2003) comenta que ao falarmos

em identificação é comum pensarmos em uma lógica de igualdade. No entanto, é apontado que se trataria exatamente do oposto: identificar-se é se diferenciar do Outro. Para sustentar esta tese, ele se dedica a comentar sobre a dependência que há na formação do sujeito em relação à existência dos efeitos do significante.

Para aprofundar esta relação, e nos direcionarmos ao que nos interessa na discussão, é necessário também destacar a diferença entre signo e significante. Como nos lembra Lacan (1961-1962/2003), o signo apresentaria uma relação fixa e biunívoca com o seu significado, distinto do significante, que não se caracteriza por um significado fixo e nem corresponde a uma realidade estática. Portanto, o significante é polissêmico e se sustenta a partir da pura diferença inscrita por meio do traço. Demarcar esta distinção é importante, pois, para Lacan (1961-1962/2003), a constituição do sujeito está atrelada ao nascimento do significante. No entanto, qual seria a relação entre identificação e significante? Lacan (1961-1962/2003) nos responde com a seguinte afirmação: “[...] é isto que encontramos na identificação [...]é uma identificação de significante” (p.23).

Na tentativa de tornar esta frase um pouco menos enigmática e, portanto, mais compreensível, podemos acompanhar esta lógica a partir de dois exemplos que Lacan (1961-1962/2003) destaca no Seminário: *o do grilo peregrino e o do expresso das 10h15*. Em relação ao primeiro exemplo, Lacan (1961-1962/2003, p. 24) diz que se trataria de uma identificação imaginária, na qual teríamos o que ele chama de “efeito orgânico da imagem do semelhante”, como se fosse uma espécie de assimilação por meio de uma imagem. Com isso, teríamos um inseto que só se desenvolveria a partir do encontro com um semelhante. Conforme este encontro ocorre, o grilo pode vir a assumir uma

forma gregária ou solitária, manifestando características morfológicas distintas. Assim, se houver assimilação à imagem de um semelhante, o grilo desenvolverá a forma gregária; se não houver, permanecerá na forma solitária. Neste sentido, destacamos o interesse de Lacan ao se questionar sobre este modelo de identificação, pautado apenas na aquisição ou não de determinados traços da imagem de um semelhante.

Estas questões o conduzem a refletir sobre o segundo exemplo, o expresso das 10h15, que corresponderia a uma identificação simbólica, não sendo necessária a imagem de um semelhante para que haja singularidade. Na verdade, este exemplo segue uma linha curiosamente oposta. Apoiado no *Curso de Linguística Geral de Saussure* (1857-1913/2006), Lacan (1961-1962/2003, p. 24) cria um exemplo, no qual teríamos duas pessoas em uma estação de trem, onde uma pergunta a outra: “Você já pegou o expresso das 10h15?”. Neste contexto, a palavra “expresso” apresenta um significado duplo – o de trem e o de rapidez. Com isso, a frase passa a assumir um sentido em decorrência de seu entorno. Em nenhum momento foi dito a palavra “trem”, mas sim o significante “expresso”, evocando na outra pessoa a ideia de um trem que realizaria uma viagem rápida e sem paradas. Lacan (1961-1962/2003) indica com este exemplo que a outra pessoa só pôde concluir isto por haver uma convenção social da palavra “expresso” com outros significados que fazem parte de uma mesma língua.

Ele se utiliza deste exemplo pois o mesmo reflete a questão da origem do inconsciente, especialmente a partir de seu ponto mais primitivo, ou seja, o encadeamento significante pelo qual o sujeito se constitui. No entanto, para que este encadeamento ocorra será necessário a inscrição de uma primeira marca simbólica sobre o sujeito; marcação

que receberá o nome de traço unário. Sabemos que existe uma diferença entre signo e significante, no entanto, para que um signo se eleve à função significante haveria neste intervalo a inscrição do traço unário. Para explicar esta inscrição, Lacan (1961-1962/2003) irá recorrer a mais dois exemplos: o primeiro corresponde ao quadrante de Pierce, um conceito da topologia matemática; o segundo consiste em um romance literário, de Daniel Dafoe.

No quadrante de Pierce, teríamos uma forma gráfica dividida em quatro quadrantes. No primeiro quadrante, encontrariamos apenas traços verticais; no segundo, não haveria nenhum tipo de traços; no terceiro, haveria traços verticais e horizontais; e, no quarto, apenas traços horizontais. A partir desta divisão, Lacan (1961-1962/2003), influenciado pela lógica aristotélica, busca explicar o que seriam afirmativa universal (A), negação universal (E), afirmativa particular (I) e negação particular (O).

Desse modo, Lacan (1961-1962/2003) destaca que no primeiro quadrante encontramos uma afirmativa universal: todo traço será vertical. No segundo quadrante, temos uma negativa universal, pois não haveria registro de nenhum tipo de traço, o que corroboraria com a lógica inicial: se todo traço só pode ser vertical e no segundo não há traço, logo, a partir de uma negação - ausência de traços - encontrariamos a confirmação da afirmação universal. No quarto quadrante, notamos uma negativa particular, pois haveria traços, porém, não verticais. No terceiro quadrante, temos uma afirmativa particular: há alguns traços verticais. A seguir, a figura 1 expõe:

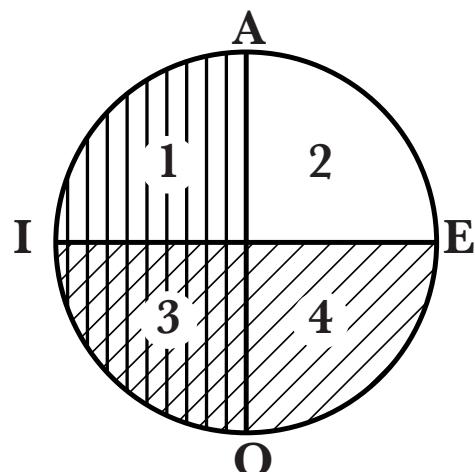


Figura 1 - Quadrante utilizado por Lacan em referência à constituição do traço.
Fonte: Lacan (1961-1962/2003, p. 6)

A priori, podemos pensar que a associação com a lógica aristotélica em relação à inscrição do traço unário não apresentaria um nexo tão evidente, porém, se observarmos com atenção, é possível notar que há uma explicação para tal. Lacan (1961-1962/2003) tenta abordar, a partir do quadrante, a relação entre totalidade e unidade: de que forma a partir de um conjunto surgiria a noção de unicidade? E, na mesma medida, como essa noção influenciaria no conjunto em sua totalidade? Ele tenta com essa questão refletir de que maneira, a partir da linguagem, um sujeito pode se singularizar e a resposta para isso ele encontra no quadrante de Pierce, especificamente no quadrante 2, onde teríamos o apagamento de todos os traços. Lacan (1961-1962/2003, p. 177) afirma: “[...] primeiramente, o sujeito constitui a ausência de tal traço. Como tal, ele próprio é o quarto no alto à direita” (Lacan, 1961-1962/2003, p. 177). Dito isto, é indicado que o sujeito nascerá a partir de uma primeira exclusão, como posto por Lacan (1961-1962/2003, p.178): “[...] o sujeito constitui-se primeiramente como -1”. Ou seja, será a partir da primeira exclusão do real que o traço unário se inscreverá como o representante daquilo que foi excluído.

Para corroborar sua tese de que a inscrição do traço unário se daria a partir de um primeiro apagamento, ou seja, da primeira exclusão do real, Lacan (1961-1962/2003) propõe mais um exemplo: o romance de Daniel Defoe, de 1970, chamado *As aventuras de Robinson Crusoé*. Neste conto teríamos um jovem cujo navio, durante uma expedição marítima, naufraga e ele consegue se salvar em uma ilha deserta. Após viver sozinho por vários anos na ilha, Crusoé sai um dia para caminhar na praia e se depara com uma única pegada na areia. Neste instante, Crusoé chega a pensar que a pegada poderia ser sua, mas ao analisar bem, verifica que não é. Aterrorizado com esta ideia, Crusoé se questiona: será que alguém já passou por aqui ou há outra pessoa nesta ilha?

Lacan (1961-1962/2003) se vale deste exemplo para fazer uma metáfora sobre o nascimento do significante e os três tempos de inscrição do traço unário. A pegada na areia não é a pessoa, ela é muito mais que isso: é a representação de algo que não estaria ali naquele instante. A pegada marca e representa uma ausênci-presença, similar ao que discutimos ainda há pouco sobre a inscrição do traço unário enquanto representante de uma ausência.

Como afirma Lacan (1961-1962/2003, p. 134), “o significante representa o sujeito para outro significante”. Frase utilizada com frequência, porém, pouco se discute a primeira parte desta afirmação: o significante representaria o sujeito. Logo, a pegada na areia é um significante, pois a sua presença corresponde a uma representação de alguém, um sujeito que não está lá.

Partindo deste romance, propõe mais um exercício de imaginação. Na história, como já havíamos comentado, a pegada na areia está bem nítida, porém, Lacan (1961-1962/2003, p. 134) sugere que façamos uma alteração no romance: e se, ao invés de notar pegadas nítidas, notássemos que algumas foram apagadas.

Lacan modifica o conto para enfatizar um marco determinante no registro do traço, o momento no qual ele é apagado. Em um primeiro tempo, teríamos as primeiras experiências de satisfação e desprazer vivenciadas pela criança, em que diante de um estado elevado de tensão corporal – fome, sono, dor – haveria a presença de um outro mais experiente – *Nebenmensch-*, que iria interpretar e atribuir sentido aos sons, balbucios e choros emitidos pelo bebê. Este será o tempo de transformação do grito emitido pelo bebê em apelo, escutado pelo Outro.

Essas experiências consecutivas passam a não só marcar a vida do bebê, mas demarcam sua existência enquanto um possível sujeito desejante. Simultaneamente a este momento, esbarramos no segundo tempo do processo de inscrição do traço: a perda primordial do objeto ou, como consequência, seu apagamento. Como aponta Soler (2019), pensar nisto que é perdido, remete-nos ao movimento do circuito pulsional, pois a pulsão em sua relação com o objeto realiza uma dupla função: no instante em que ela resgata o que perdeu, ela restauraria algo da perda, deixando assim resquícios desta restauração.

É importante frisar a diferença que há entre a perda primordial do objeto e o apagamento do objeto, pois, apesar de serem noções próximas, encontramos algumas sutis distinções. Lacan (1961-1962/2003), ao falar sobre a perda do objeto primordial, não está se referindo a um evento concreto, mas sim à perda de um objeto que jamais tivemos, enquanto o apagamento do objeto estaria referido mais à simbolização da perda.

O terceiro tempo seria um momento no qual Lacan (1961-1962/2003, p. 135) nos diz: “Um significante é uma marca, um rastro, uma escrita, mas não se pode lê-lo só”. E continua: “[...] três significantes é o retorno daquilo de que se trata, do primeiro”.

Dessa forma, encontrariam, neste terceiro tempo, uma reafirmação da primeira marca no sujeito em relação a esta perda primordial, tratando-se, portanto, de uma afirmação retroativa. É neste momento que encontrariam o recalque originário e, portanto, uma primeira representação daquilo que ficou de fora, resultando na fundação do saber inconsciente pelo recalque definitivo de *Um significante*. Logo, podemos concluir com Lacan (1961-1962/2003) que tudo no começo é sempre o traço. φ

Referências

Catão, I. (2009). *O bebê nasce pela boca*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.

Defoe, D. (1970). *Robinson Crusoé*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Freud, S. Projeto para uma psicologia científica. (1895/1990). In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (pp.385-529). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1915/2004). Pulsão e Destinos da Pulsão. In: Freud, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1921/2011). VII A Identificação. In: Freud, S. *Psicologia das massas e análise do eu. Obras Completas* (pp. 60-68). São Paulo: Companhia das Letras.,

Freud, S. (1925/2011b). A Negação. In: Freud, S. *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos* (pp.275-282) (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras.

Lacan, J. (1961-1962/2003). *O Seminário, livro 9: A identificação*. /2003 Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.

Saussure, F. de. (1857-1913/2016). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

Soler, C. (2019). *O em-corpo do sujeito: Seminário 2001-2002*. Salvador: Ágalma.

Recebido em: 11/03/2025

Aprovado em: 22/04/2025

Sobre os autores

Amanda Brasil de Araújo

Psicóloga.

Psicanalista.

Mestra em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Pará.

Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - Brasil.

E-mail: amanda_brasil_araujo@hotmail.com

<https://orcid.org/Orcid: 0009-0006-3617-5728>

Breno Ferreira Pena

Psicólogo. Psicanalista.

Pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Doutor e Mestre pela Puc-Minas.

Professor da graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará.

E-mail: brenopena@hotmail.com

<https://orcid.org/000-0003-4485-3673>

Roseane Freitas Nicolau

Psicóloga.

Psicanalista.

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará.

Pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UFPA.

Membro do GT Dispositivos Clínicos em Saúde Mental (ANPEPP).

E-mail: rf-nicolau@uol.com.br;
rf-nicolau@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-6988-943X>